CHEFE DE REDACÇÃO ★ C.B. JOÃO A. ESGALHADO D'OLIVEIRA
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO ★ C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
DIRECTOR ★ C.S.Q.G. LEITE DE CASTRO
JANEIRO DE 1964
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

EXORTAÇÃO

Extracto das palavras do C.B. GOMES FORTE no Dia da Mocidade

«Vivemos mais um 1.º de Dezembro, dia Nacional, porque foi com os olhos postos na Pátria e não nos interesses dum partido, foi pela vitória de Portugal e não duma facção, foi para continuar a gesta gloriosa dos Reis Afonsinos e dos Príncipes de Avis e não para trair séculos de história independente e sacrossanta liberdade que o 1.º de Dezembro de 1640 amanheceu mais claro e límpido».

«E nessa arrancada de portugalidade coube à Mocidade do tempo papel de primordial importância».

«Vencemos 1640 porque a juventude sentiu a sua hora, acompanhou e viveu em toda a plenitude o movimento restaurador a que consagrou o seu entusiasmo moço, prontificando-se a todos os sacrifícios».

E mais adiante referindo-se à situação actual do nosso Ultramar disse:

«O comando da Ala lembra neste momento todos aqueles que em tão distantes paragens cumprem o seu dever sem olhar a riscos nem sacrifícios».

«Lembramo-los comovidamente e ao mesmo tempo com orgulho pela lição magnífica que estão dando ao mundo».

«Muitos foram ainda colegas meus, outros só de nome os conheci e a maior parte deles não sei quem são».

«Mas sei e isso me basta que em todos pulsa um coração português, que é português o sangue que lhe corre nas veias e que é por Portugal que lutam e morrem».

ALERTA ESTÁ!

(Um Natal à antiga Portuguesa)

Conta a «Revista do Ar», de Janeiro de 1963, pela pena de E. C., letras sob que se oculta o conhecido Coronel Aviador Edgar Cardoso, um episódio que vale a pena recordar.

Era em plena zona insubmissa de Angola.

Oitenta homens da Força Aérea preparavam-se para o Natal de 1961, no Aeródromo de Manobra da povoação do Toto e estavam sempre a postos de combate, pois se anunciava ataque terrorista iminente. Eis senão quando, desce na pista um pequeno avião de transporte da Base Aérea 9 e... sai dele o Brigadeiro Viana, da Força Aérea.

Para o Tenente Perestrello, que comandava aquela «Malta do Capim», o Brigadeiro disparou:

«Perguntei em Luanda qual era o sítio mais arriscado ou, melhor, mais causticado, da Força. Falaram-me no Toto, por isso venho passar o Natal convosco! Boas Festas, Comandante!»

À noite, ordenou-se uma grande mesa, no pobre recinto, e «ali estava o Presépio, hábil e pacientemente arranjado pela rapaziada, a confirmar que Deus estava com eles todos».

A mesa destinava-se ao Brigadeiro, aos oficiais e a todos os soldados.

Saberiam eles que era, assim mesmo, «A Mesa» do antigo exército português, comendo Oficiais e Soldados o mesmo pão e na mesma sala, sentados os Comandantes com os Comandados?!)

Prendas, brindes, discursos, pois não havia nem «assistência religiosa nem a Missa habitual».

Mas ali estava Deus, mesmo entre eles.

E estava também Portugal.

Distribuiram-se prendas a toda a gente, a oficiais e soldados sem distinção, e aos pretos, está claro que tinha de ser.

«Quando se aproximava do seu termo a festiva cerimónia, os soldados, de moto próprio, resolveram, em comissão, presentear o Oficial General com armas gentílicas arrebatadas aos terroristas em combate».

Eram os seus queridos troféus!

O Brigadeiro respondeu assim:

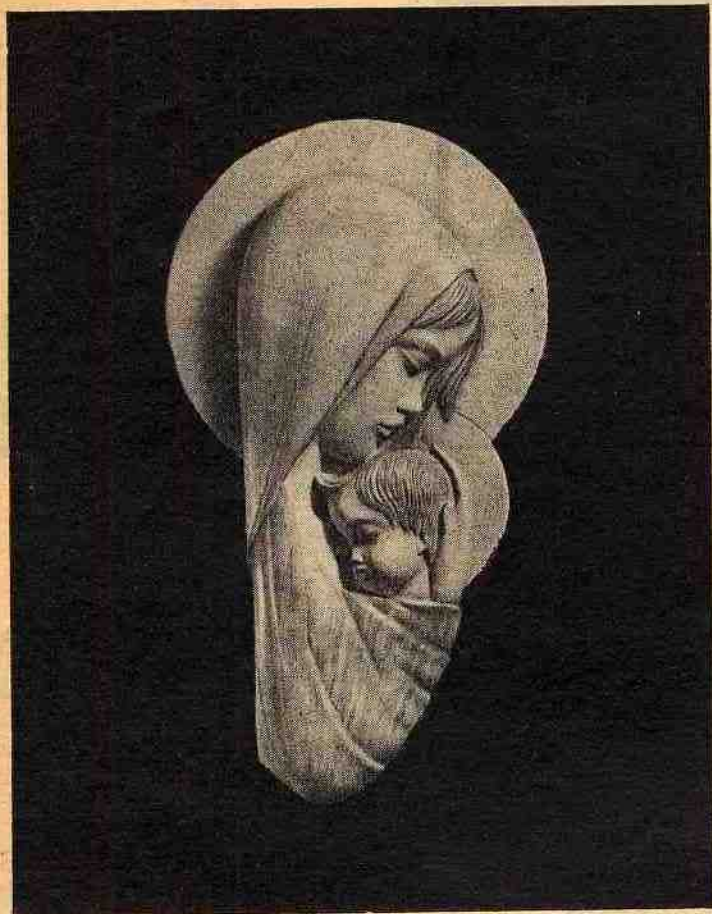
«O Toto pode acabar, mas este Natal jamais pode ser esquecido! Muito obrigado pela vossa significativa oferta: como nada tenho para vos dar em troca, é meu dever ir para a torre fazer duas horas de sentinela em vez do soldado mais bem comportado a quem tal competir!»

(As torres eram umas estruturas improvisadas, de troncos, madeiras e pregos capturados aos terroristas, e que serviam de atalaias elevadas no campo).

Noite fóra, os soldados dormiram (se puderam dormir, após este *encontro* com Deus e com Portugal de Antanho!), porque, após o Brigadeiro, foram o Tenente, os Sargentos e os Cabos que, sucessivamente oferecidos por ordem hierárquica, de torre em torre, gritavam o «Alerta está!»

Ali, ali, Portugal podia gritar, com verdade:

Alerta está!

A. C. C.

De novo aqui nos tens
A teus pés,
Maria,
Chorando grossas lágrimas
Mas pranto de alegria!...
Um ano mais passou
E tu,
ó Mãe,
Mais nos ajudaste e abençoaste
Dando-nos a nós filhos ingratos
Apenas bem...
Aqui estamos, juventude Portuguesa,
Depondo a teus pés
O nosso amor
E proclamando tua realeza
E que aos céus se eleve
Nesta hora sem igual
O nosso amor por ti
Virgem Maria!...

DIA DA MÃE

No dia 8 de Dezembro a Mocidade Portuguesa Feminina comemorou mais uma vez o Dia da Mãe.

A Subdelegada Regional da Covilhã depois da Santa Missa que mandou celebrar na Igreja de S. Maria Maior recebeu cumprimentos do Director Adjunto do C. E. 2, que representava o Reitor do Liceu, ausente da Covilhã e do corpo de Graduados da Ala que lhe ofereceram um ramo de flores.

Acompanhada pelo C. F. Rolão Bernardo a Senhora Dona Judith Fitas Cunha Martins foi, em seguida, depor em nome das mães dos soldados de Portugal as flores que recebera no altar de Nossa Senhora.

De tarde os graduados do Centro apresentaram cumprimentos na Covilhã às Senhoras Dona Fernanda da Cruz Ranito Baltazar e Dona Hortência de Sousa Abrantes da Cunha e em Castelo Branco às Senhoras Dona Beatriz Vieira Barreto Magro, Dona Cândida Monteiro Trindade, Dona Cacilda Namorado Nunes da Cruz e Dona Isabel Boavida da Silva Correia Diogo.

Em nome do Corpo Regional le Graduados o C.F. Rolão Bernardo enviou por telegrama saudações e cumprimentos à Excelentíssima Senhora Dona Gertrudes Rodrigues Thomaz.

Director do Núcleo de Estudos Ultramarinos em C. Branco

No dia 18 de Janeiro na Casa da Mocidade Portuguesa, da Ala de Castelo Branco, tomou posse do cargo de Director do Núcleo de Estudos Ultramarinos o sr. dr. João Frade de Correia, director da Escola do Magistério Primário de Castelo Branco. Ao acto presidiu o Delegado Distrital da M. P., estando presentes vários dirigentes e filiados das Alas de Castelo Branco e Covilhã.

Após a assinatura do auto de posse, o sr. dr. Catanas Diogo referiu-se à secção que no núcleo de estudos ultramarinos desenvolveu o sr. professor Silva Mendes, seu antigo director.

A. Q. G. Dr. Frade Correia

Agradeceu ao dr. Frade Correia a sua gentil adesão ao convite que lhe fizera e enalteceu as qualidades que o exornam e que são segura garantia do trabalho a desenvolver naquele núcleo.

Depois de ter salientado as qualidades de inteligência e de dedicação aos problemas ultramarinos pelo comandante do núcleo, arvorado António Trindade, bem patentes na alta classificação obtida no II Curso de Estudos Ultramarinos e mais uma vez revelada no seu comportamento no Colóquio realizado em Lisboa, anunciou para breve a criação dum núcleo de estudos ultramarinos na Casa da Mocidade da Ala da Covilhã, para o qual será nomeado o sr. dr. Francisco Ligório Morcela.

O sr. dr. João Frade Correia agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e prometeu a mais leal colaboração e o seu maior interesse no estudo e divulgação de quanto diga respeito aos problemas inerentes àquele núcleo.

C. F. Jorge Bruxo

O nosso antigo graduado Jorge Baptista Bruxo que no Centro deixou uma obra e em todos que com ele conviveram conquistou um amigo, foi no dia 1 de Dezembro promovido a comandante de Falange.

A notícia da sua promoção alegrou profundamente todo o C.E. 2 que hoje tem no seu corpo de Graduados os antigos chefes de Quina que ele ajudou a formar no Curso que comandou.

Todos o abraçam e felicitam.

Talha-Mar

Aguardamos com a maior ansiedade a chegada do «Talha-Mar» que em breve vai reaparecer.

Todos sentimos a sua falta, todos vibramos com esta notícia que temos a alegria de dar aos graduados deste Centro.

Será director do «Talha-Mar» o C.F. João António dos Santos e Silva para quem enviamos o nosso mais amigo abraço de felicitações, e o desejo de que o jornal venha a ser o que foi e para que foi criado.

Riacho

Temos recebido o «Riacho», orgão cultural do Liceu da Guarda e propriedade do C. E. 1 dessa Ala.

Felicitamos todos aqueles que trabalham neste jornal, onde além de uma boa apresentação gráfica há interesse literário e espírito moço.

Desejamos ao «Riacho» as maiores felicidades, fazendo votos para que continuem no caminho da valorização dos nossos camaradas guardenses.

ILHAS ATLÂNTICAS

PORTO SANTO

Porto Santo, Ilha Atlântica, 1.º descoberta marítima dos portugueses, pequeno marco perdido na imensidade do oceano azul, onde o progresso se recusou a penetrar durante séculos.

Lá como cá, o lema é o mesmo: «Educar integralmente»

Possui esta pequena Ilha a escassa população de três mil habitantes aproximadamente, na qual se verifica muitos hábitos tradicionais dos nossos antepassados.

É semelhante a uma irmã gémea, engeitada da rica e opulenta Ilha da Madeira.

Na última década, devido ao generoso impulso do Estado Novo, vive um período de intensa actividade: a construção do importante aeroporto, que servirá todo o arquipélago, estradas, hoteis de turismo e Colónia de Férias da F.N.A.T.

Não podia a organização nacional da Mocidade Portuguesa ficar indiferente a este surto de progresso.

Desde 1945 existe a Ala n.º 5, da Delegação Distrtial da M. P. do Funchal. Conta com o efectivo de 140 filiados, pertencentes aos escalões de lusitos e infantes. Como graduados possui 20 chefes de quina e 5 comandantes arvorados. Estes graduados foram todos preparados pelo actual Subdelegado Regional, que lhes teve de ministrar as noções e ensinamentos necessários, para ocuparem com acerto os seus postos de comando. Todos os anos as promoções são dadas na gloriosa data do 1.º de Dezembro.

A Instrução é ministrada metódica e entusiàsticamente pelo actual Subdelegado Regional, sr. Prof. Joaquim José Abreu e Sousa, por forma a conseguir um grande número de presenças nas variadas actividades da nossa Organização Nacional, aberta a toda a juventude de Portugal sem olhar a credos nem raças.

É patrono desta Ala, o grande navegador henriquino Bartolomeu Perestrelo.

A grande aspiração do Subdelegado Regional é conseguir a abertura e funcionamento de uma pousada aberta a todos os filiados, graduados e dirigentes da M. P. e até aos movimentos similares existentes no estrangeiro, em virtude das facilidades de comunicações aéreas que esta pequena Ilha possui.

Porto Santo está presente em todas as actividades em prol da melhor ordem, unidade e defesa dos superiores interesses de Portugal.

Porto Santo, 23 de Janeiro de 1964.

a) J. J. A. S.

UMA ATITUDE

Quando da sua estadia em Portugal foi oferecida pelo Imperador da Etiópia à Câmara Municipal da Covilhã uma medalha de ouro comemorativa do seu reinado.

Passaram-se uns anos e o hóspede que então nos mereceu as maiores e mais honrosas distinções é hoje um dos muitos que, esquecidos de quanto devem a Portugal e à sua missão civilizadora, nos atacam e agridem.

Entendeu e muito bem o sr. Presidente da Câmara que essa medalha perdera todo o anterior sentido para se transformar numa recordação dum chefe de Estado inimigo do nosso país e traidor à história pois de Portugal, recebeu sempre apoio e ajuda.

E melhor destino não lhe podia dar o sr. Dr. José Ranito Balthazar do que oferecê-la ao Movimento Nacional Feminino para ser fundida revertendo assim o valor do seu metal em auxílio aos nossos soldados.

ANVERSO

A Direcção da Casa da Mocidade e o Comando do Corpo Regional de Graduados expremiram, então, ao sr. Presidente de Câmara o quanto a sua nobre atitude os fez vibrar e como com Sua Ex.a se sentiam irmanados.

Faz-nos bem a nós rapazes que nos preparamos para a vida ver exemplos destes do melhor e mais alto sentido de portugalidade.

Por isso a Mocidade Portuguesa aplaudiu com entusiasmo o nosso Chefe de Serviços Leite de Castro quando na Sessão realizada na Escola Industrial e Comercial desta cidade se referiu a este gesto da mais nobre desafronta.

Carecemos de exemplos, precisamos de ver a nossa lado

Dr. José Ranito Balthazar

atitudes viris, vincadamente... cristãs e portuguesas e que sejam o reflexo na acção do pensamento que nos norteia.

A mocidade portuguesa que luta e morre em Angola e na Guiné para que Portugal continue, bem como a que aqui se prepara para a render, tem necessidade de sentir compreendidos os seus sacrifícios e todas as aspirações que lhe enchem a alma inteiramente votada à grandeza da Pátria.

Sabemos que há cobardes, não ignoramos que existem traidores e estamos conscientes dos receios de muitos, mas todos estes juntos não chegam para nos desviar do rumo que demos à nossa vida e dos ideais a que a consagramos.

Bem haja sr. Presidente da Câmara, bem haja sr. Dr. José Ranito Balthazar, que entre os seus títulos tem o de amigo honorário do nosso Centro, por justa determinação do sr. Reitor, Dr. José Abrantes da Cunha, pela magnífica lição que deu a esta cidade, ao nobre concelho da Covilhã e a todos que acreditam, para além dos diversos ventos, na vitória de Portugal.

REVERSO

Queira Deus que todos o compreendam como nós o compreendemos.

Obrigado, sr. Presidente!

António Gomes Forte
(C. B.)

ESPERANÇA

Vivemos a hora mais bela do ano, sempre nova, na sua mensagem de amor e de esperança.

Junto do Presépio os homens sobem a Deus pelo mistério infinito desse Deus que se fez homem.

Há cânticos de paz, da paz verdadeira que Cristo nos trouxe e só em Cristo se encontra; há união fraterna, mas duma fraternidade que não vem de mitos mas é filha do Verbo Encarnado; há lágrimas de saudade e sorrisos de alegria porque o Natal fala às almas dos velhos e aos corações dos jovens.

E quando todos junto ao Presépio do Menino Deus meditavamos nessa hora que foi a mais alta da História, e ao Senhor erguiamos as nossas preces de gratidão, junto das dádivas simbolizadas nas oferendas dos Magos punhamos, também, as nossas implorando-Lhe que nos desse a Sua Paz para toda a terra portuguesa e protegesse com a Sua infinita misericórdia os nossos soldados.

Ao Deus Menino demos a nossa esperança, mais pura, mais alta e mais sã e estamos certos que fomos bem aceites.

Por isso o Natal de 1963 foi para todos nós o Natal da Esperança, esperança de paz, esperança da vitória, esperança que o sacrifício dos que morreram e a confiança dos vivos nos há-de merecer a protecção do Senhor.

Glória a Deus nas alturas Paz na terra aos Homens de boa vontade!

«CHAMA»

ECOS DO NATAL

Era uma vez...

A avó, com o neto de seis anos nos joelhos, acedeu ao seu pedido e começou a contar:

— Num estábulo à beira da estrada, estava deitada uma vaquinha que seguia com os seus olhitos mansos uma estrela, enquanto esperava pacientemente que o dono lhe trouxesse a ração da noite.

Mas em vez do dono, quem entrou foi uma donzela muito formosa, montada num jumentinho, que era conduzido por um jovem.

A estrelinha baixou e com os seus raios de luz iluminou um lindo menino que a mãe tinha recolhido no seu seio.

Esse menino era Jesus, o mesmo que agora está no céu...

— E o papá? — atalhou o petiz.

— O teu pai... Também está no Céu...

— Porque é que não vem para junto de mim?

— ...Não pode...

O pequeno ficou-se a pensar, e quando passada a noite se foi deitar, pediu a esse Jesus Menino que o deixasse ir ver o Pai...

O petiz foi atendido...

À hora em que Jesus nascera, uma estrelinha, muito branca subia lentamente ao céu.

Era a alma do pequenino que ia juntar-se ao pai...

Esgalhado d'Oliveira

LONGE!... PERTO!...

Pelo Dr. Abrantes da Cunha

É nesta altura do Natal que bem sinto a verdade de que tudo o que humano é relativo. E são tão relativas estas ideias de «longe» e de «perto», que, nesta quadra, os que estão longe são os que estão mais perto. Mais um milagre da «Fé», que é capaz de transportar montanhas.

Neste Natal de 1963 fostes vós, antigos alunos deste Liceu espalhados por todo o Portugal em defesa do seu património, que mais perto estivestes do meu coração, porque sempre presentes na minha lembrança. Nessa noite bendita do Natal o meu pensamento esteve convosco na Guiné, em Angola, em Moçambique. Senti convosco as saudades dos entes queridos e vi-vos até a lágrima furtiva da noite da vossa consoada. Não há que ter vergonha nem dessa saudade nem da lágrima teimosa; sois homens e nada do que é humano vos deve ser estranho, como dizia um célebre escritor latino.

Vi até, dentro do vosso espírito, a confusão de pen-

Joaquim Baptista

samentos resultante da comparação do Natal deste ano com o do ano anterior. Então ainda ansiáveis pela manhã para viver a alegria da prenda no sapato posto cheio de sonhos na chaminé; hoje acordais tendo ao lado a mesma espingarda com que havíeis adormecido na véspera.

Que mundo de diferenças!... Que distância imensa percorrestes neste ano!... Deixastes de ser meninos para serdes homens. Já não é o Menino Jesus a trazer-vos as suas doces lembranças do Natal, mas sois vós a dardes ao mesmo Menino o melhor do vosso coração,

Manuel Esteves

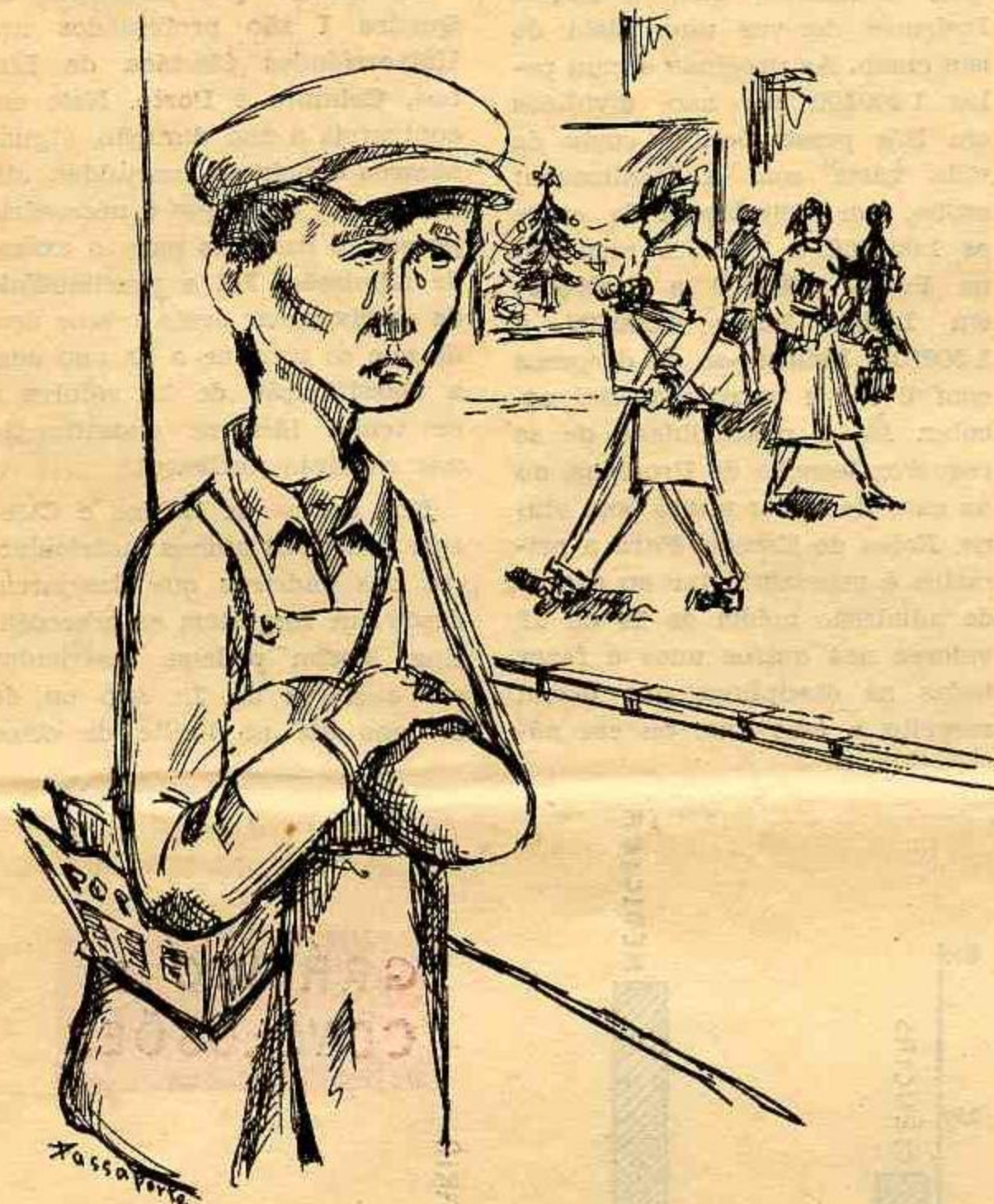
da vossa energia, da vossa fé para que no mundo português, se não apague a recordação do Seu Santo Nome.

Orgulho-me de Vós, porque tenho a certeza que sabereis honrar sempre o Liceu onde passastes a vossa juventude e que vos ajudou a serdes homens.

Se algum alívio vos pode trazer a certeza de não serdes esquecidos, podeis descansar porque os nossos pensamentos estão sempre convosco. Para o novo ano todos nós desejamos com a maior clemência que regresse a paz à nossa pátria, permitindo-vos voltar ao vosso lar. Que os homens, que todos os homens tenham a boa vontade que o anjo pedia para que definitivamente a todos se estenda a «paz de Cristo» — «et in terra pax hominibus bonae voluntatis».

Conto de Natal

O Zé Pedro era um miúdo de 11 anos, com uns olhos pretos muito expressivos e uma cabeça toda anelada de caracóis, que morava numa barraca nos subúrbios de Lisboa.

Porém, os camaradas de brincava na rua com uns miúdos da sua idade, viu, por entre a janela meio-aberta da casa do Paulinho, um rapazinho de 10 anos que já cursava o ensino secundário, um quadro que muito o maravilhou: a um

brincadeira e de trabalho e um ou outro freguês conheciam-no mais pelo nome de «Zé da Sacola», nome este que provinha da sacola dos jornais que sempre trazia ao ombro.

A mãe já tinha morrido e, das pessoas de família, só o pai lhe restava, um pobre e incorrigível bêbedo que não prestava a menor atenção ao filhito

Os seus irrequietos e brincalhões 11 anos eram, contudo, esmagados pelo peso da sacola e, principalmente, pelas responsabilidades que a vida já lhe atribuía. Se acontecia alguma vez chegar a casa e não ter feito uma boa venda de jornais o pai esperava-o com uma tareia e com uma profusão de palavras obscenas que feriam os seus inocentes ouvidos de criança.

Certo dia quando o Zé Pedro, pouco antes do Natal, canto da salinha estava um presépio.

O Menino Jesus, S. José, Nossa Senhora, a vaquinha e o burrinho lá estavam tal qual como ele já os havia visto num livro de gravuras.

Que lindos que eram! Que feliz seria o Paulinho por ter tanta coisa linda!

E o Zé Pedro queria também ser feliz! Aspirava também ter um presépio! Mas como adquiri-lo se os lucros nem para matar suficientemente a fome davam?!

Introduzir-se em casa do Paulinho e, sem ninguém ver, privá-lo de tudo aquilo?... não..., isso não... (ainda se lembrava dos conselhos que a bondosa mãe já moribunda lhe dera),... isso nunca!

Entrar numa loja de brinquedos quando a freguesia apertasse e no meio da confusão... isso também não... porque era ainda roubar!

De repente, surgiu-lhe uma ideia: ir a casa dum freguês que lhe devia dois ou três meses de jornais e, exigir-lhe o dinheiro, custasse o que custasse.

Põe-se a caminho; toca a campaínha da porta e depois de ter esperado algum tempo aparece uma criadita a quem comunica o que deseja. Ela respondeu que os patrões não estão e o gaiato, cada vez mais tristonho, conta-lhe para o que ele queria o dinheiro.

Passam os dias. É véspera de Natal. Elegantes damas e cavalheiros correm pressurosos às lojas de brinquedos. O nosso Zé tudo observa mas nada tem...

Depois dum árduo dia de trabalho apetecia-lhe ir para casa, comer uma boa ceia e ter brinquedos como as outras crianças.

Mas isto são sonhos impossíveis que passam depressa e a realidade volta cruelmente.

Continua a vaguear pelas ruas. A chuva e a neve fustigam-lhe o rosto impassível.

É já bastante tarde e os elegantes cavalheiros e damas vão agora para a Missa do galo. Ele entra também numa igreja e vê um presépio! O sonho dos seus 11 anos!

Sem se aperceber de nada do que se passa à sua volta contempla ùnicamente o presépio.

A Missa chega brevemente ao fim e ele tem de sair da Igreja, como os demais presentes. Se ao menos ele pudesse pedir ao prior, ao «dono da Igreja» que o deixasse ali ficar a noite, o deixasse fazer companhia ao Menino Jesus e deixasse que a sua roupa molhada se enxugasse no mesmo bafo que aquece o Menino.

Constrangido resolve-se finalmente a regressar a casa. Ela lá está como sempre deserta, fria,..., oh!... mas sonho...! milagre?... realidade!? Como pode ser!?!?

Doido de alegria ele corre para um canto onde com os seus magros e gélidos dedos procura certificar-se de que realmente tem ali as tão queridas figurinhas de barro.

Em cima da mesa entre alguns manjares apetitosos está um cartão de visita com os dizeres: «Do freguês sempre atrazado no pagamento dos jornais».

Maria Zaida Leitão Pinheiro

Natal

O frio é intenso, a neve cai...
O vento sopra e assobia,
A lua é clara, parece dia...
Mas um pobre vai
Desnudado,
Desprezado,
A cada porta bater
E receber
Um mísero pão!...
É Natal... Mas sabe ele o que isso é ?!
Já perdeu o coração
Já perdeu a sua fé na ventura.
Pensando só na sepultura
Vai bater a outra porta...
Uma criança sorridente vem abrir
E sua esperança morta
Vai de novo ressurgir
Ao contemplar estranha luz
Que rodeia aquela casa...
Entra... e dentro numa manjedoura
Na mais extrema pobreza
A sorrir ele vê Jesus!...
E esse sorriso divino
Daquele doce pequenino
Foi afinal
O seu melhor Natal...

A. R. PEDROSO

CURSOS QUE POSSO SEGUIR...

UMA OPORTUNIDADE PARA ESCLARECER DÚVIDAS

O PROBLEMA

Conhecendo dificuldades que a maioria dos jovens sente quando se lhe depara o problema da escolha de uma carreira logo que terminam o 2.º ou o 3.º ciclo, vamos publicar uma série de artigos com o fim de os ajudar na escolha. Com o nosso trabalho pretendemos ainda dar uma visão do que é a actual estrutura dos ensinos médio e superior.

Como sempre, estaremos ao vosso dispor para as críticas, sugestões ou questões que nos queiram levantar.

Medicina, Farmácia, Economia e Engenharia.

A frequência do ensino superior em Portugal no ano de 1960-61 pode ser observado no Gráfico I. Além dos cursos universitários, juntamos outros curs. superiores não universitários. Incluímos em «Militares» a Academia Militar e a Escola Naval, e em «Serviço Social» os cursos de Assistente Familiar, Assistente Social e Enfermagem.

No Gráfico II podem observar-se as conclusões desses mesmos cursos no referido ano.

Note-se que no futuro, como já agora, há maior necessidade de pessoas formadas em cursos *técnicos*, pelo que aqueles que desejem começar a pensar na «vida» devem ter isto em consideração. Quando falamos em cursos *técnicos* queremos referir-nos aos que se professam na Universidade Técnica e nas Faculdades de Medicina, Ciências e Farmácia. O progresso que é necessário que o nosso país venha a ter, exige, no menor espaço de tempo, grande número de pessoas licenciadas nesses cursos. Há, portanto, interesse que os estudantes se encaminhem nesse sentido. Note-se, que na última década, os cursos onde se registou maior aumento de frequência foram os de Letras e Direito, evolução esta não aconselhável tendo em vista a fase de desenvolvimento económico que o país atravessa e terá de prosseguir.

GRÁFICO I FREQUÊCIAS

ESTRUTURA UNIVERSITÁRIA

É do conhecimento geral que existem no nosso país quatro Universidades, formadas pelas seguintes Faculdades, Escolas ou Institutos:

COIMBRA:—Letras, Ciências, Direito, Medicina, e Farmácia.

LISBOA (Clássica): — Letras, Ciências, Direito, Medicina e Farmácia.

LISBOA (Técnica): — Agronomia, Economia, Engenharia, Ultramarinos e Veterinária.

PORTO: — Letras, Ciências,

PROBLEMA DOS CUSTOS

Um curso superior fica cara, quer à família, quer à nação. Podemos dar-vos uma ideia do seu custo. As propinas orçam pelos 1 200$00 por ano, divididos em três prestações. O custo de vida varia com a localização: assim, em Coimbra anda entre os 1 000$00 a 1 300$00 mensais; no Porto 1 200$00 a 1 500$00; em Lisboa entre 1 300$00 a 1 500$00. Incluem-se as despesas com livros e outro material escolar. Há a possibilidade de se requerer Isenção de Propinas, ou no caso de se ser muito bom aluno, Bolsa de Estudo. Para a primeira é necessário ter no exame de admissão média de 14 ou 12 valores nos outros anos e fazer todas as disciplinas que dizem respeito a esse ano, ou em número equivalente. Para a Bolsa de Estudos é necessária média de 16 no Exame de Admissão, ou 14 nos outros anos. Os alunos dispensados do exame de admissão concorrem com a média final do 7.º ano.

ALGUNS CURSOS

Os cursos que inserimos no Quadro I são professados nas Universidades Clássica de Lisboa, Coimbra e Porto. Nele encontrareis a sua duração, alguns acessos depois de concluídos, alínea do 3.º ciclo que é necessário possuir e cadeiras para o exame de admissão. Há a possibilidade de se dispensar deste exame desde que se termine o 7.º ano com a classificação de 14 valores e se tenha idêntica classificação nas cadeiras nucleares.

Nos cursos de Letras e Ciências podem os alunos matricular-se nas cadeiras que desejarem desde que respeitem as precedências. Assim pode-se matricular em cadeiras do 1.º ano ou do 5.º ano até ao limite de cinco cadeiras por anos.

Nos outros cursos a perda de uma cadeira de precedência obriga à perda do ano. Isto no que respeita a cursos universitários pois o regime é igual para a Universidade Técnica.

GRÁFICO II CONCLUSÕES

CASAS UNIVERSITÁRIAS

Existem nas três cidades Casas e Lares Universitários, tanto para rapazes como para raparigas, que dão aos estudantes certas comodidades e garantias difíceis de encontrar noutros locais. Estes lares, se aconselháveis para rapazes, são indispensáveis para raparigas, em especial para as que não estão habituadas a viver fora do ambiente familiar. Nos da Mocidade Portuguesa a mensalidade é de 950$00.

Num próximo número voltaremos a tratar deste assunto desenvolvidamente.

NO PRÓXIMO NÚMERO

O próximo artigo tratará dos cursos professados na Universidade Técnica. Qualquer dúvida que te surja e nos queiras levantar, teremos o maior prazer em te informar. Para tal basta dirigires-te por escrito à nossa redacção.

QUADRO I
CURSOS CLÁSSICOS

CURSOS	DURAÇÃO	DISCIPLINAS PARA O EXAME DE APTIDÃO	ALÍNEA	ACESSOS	OBSERVAÇÕES
LETRAS					
Clássicas	5	Português e Latim	a)	Professorado	a) b)
Românicas	5	Português e Francês	a)	Professorado e Traduções	a) b)
Germânicas	5	Inglês e Alemão	b)	Professorado e Traduções	a) b)
História	5	História e Filosofia	d)	Professorado e Diplomacia	a) b)
Filosofia	5	História e Filosofia	d)	Professorado e Diplomacia	a) b)
Geografia	5	Biologia e Geografia	c)	Professorado e Centros de Estud.	a) b)
Professor Adjunto 8.º grupo	2	Português e Francês	a)	Professorado do Ensino Técnico	
Professor Adjunto 11.º grupo	2	Biologia e Geografia	c)	Professorado do Ensino Técnico	
DIREITO	5	Latim e Filosofia	e)	Advocacia, Magistratura, Notariado e Conservatórios	a) c)
MEDICINA	6	Biologia e Fis. Química	f)	Clínica, Laboratórios, Investigação.	b) d)
CIÊNCIAS					
Matemáticas	4	Matemática e F. Química	f)	Professorado, Actuário e Investigação	
Fisico-Químicas	4	Matemática e F. Química	f)	Professorado, Laboratórios	
Geofísica	4	Matemática e F. Química	f)	Meteorologia, Laboratórios e Professorado	
Geológicas	4	F. Química e C. Naturais	f)	Professorado, Serviços Geológicos	
Biológicas	4	F. Química e Biologia	f)	Professorado, Laboratórios	
Engenhario Geógrafo	5	Matemática e F. Química	f)	Professorado, Institutos Geográficos	
FARMÁCIA	5	Biologia e F. Química	f)	Farmácia, Laboratórios e Análises	f)

OBSERVAÇÕES:
- *a)* *Curso de frequência sem obrigatoriedade de assistência às aulas.*
- *b)* *Curso com Tese de Licenciatura.*
- *c)* *Completando a licenciatura em Direito existem os cursos complementares de Ciências Politico-Económicas e Ciências Jurídicas.*
- *d)* *Depois da parte escolar há que frequentar um estágio nos Hospitais Escolares.*
- *e)* *Funcionam ainda nas Faculdades de Ciências os três primeiros anos dos cursos de Engenharia.*
- *f)* *A frequência nos três primeiros anos constitui o Curso Profissional de Farmácia. Para obter a licenciatura é necessário frequentar mais dois anos na Faculdade de Farmácia do Porto.*

FARMÁCIA ? ?
ULTRAMARINOS ?
VETERINÁRIA ?
LETRAS ?
ENGENHARIA ?
AGRONOMIA ?
S. SOCIAL ? ?
CIÊNCAS ? ?
MEDICINA ?
DIREITO ?
ECONÓMICAS ?

Os dois primeiros Comandantes de Centro servem Portugal

Pelo C. F. JORGE BRUXO

Lembrar o Joaquim Baptista é recordar aquele que foi o primeiro comandante do C. E. 2, umas das pedras mais importantes que alicerçou esta obra, que hoje é, pelas suas realizações e possibilidades, e uma das mais notáveis do país.

Foi dos primeiros graduados do Liceu da Covilhã, daquele grupo de quatro jovens que formariam «os Apóstolos» da primeira hora.

Quando escrevo estas palavras estou a ver o Joaquim Baptista, a bondade personificada espírito compreensivo, sempre pronto a agir com decisão quando se tratava de dar ordens, dotado de uma graça inigualável quando subtilmente dava as suas «piadas», mas tão subtis que não feriam ninguém; estou a ver o Joaquim Baptista nos seus passeios nocturnos mais o Teixeira... estou a vê-lo D. Juan.

1.º Comandante do C.E. 2

Recordo-me de tantas coisas que impossível seria estar a descrevê-las. Quero só apontar mais um facto, para mim particularmente grato: Trata-se da ida ao Encontro Nacional de Graduados no Porto, em que o Joaquim Baptista foi o meu companheiro na viagem à boleia que fizemos até à capital do Norte e daqui para Lisboa e Covilhã.

Estou a ver-te e também a mim «enrascados», na Estrada da Guarda, quando, já noite, na Póvoa do Mileu, resolvemos acampar, mas a tenda não tinha uma única estaca.

Estou a recordar também quando chegados a Lisboa, erguemos a nossa tenda num terreno em Alcântara e depois fomos «cravar» um almoço à E. N. G. e à tarde fomos a ca-

CONTINUA NA 8.ª PAGINA

ROMAGEM DOS ANTIGOS

Mais uma vez os antigos estiveram connosco.
Este ano a sua romagem teve um sentido diferente

Em casa da Subdelegada Regional

pela presença de dois antigos graduados, hoje oficiais do exército e da aviação em vésperas de partir para o Ultramar e porque precisamente no dia em que nos reuníamos um outro embarcava rumo a Moçambique.

De manhã foi celebrada missa a que assistiram muitos professores, alunos e todo o corpo de graduados pedindo a Deus a protecção dos nossos colegas em serviço militar nas terras portuguesas de Africa.

À tarde fomos recebidos pela subdelegada da M.P.F. a quem o Quim ofereceu uma lembrança em nome de todos.

A senhora D. Judith teve para todos palavras de muito carinho e com os seus antigos alunos lembrou o Neca que nessa hora já ia mar alto. Abraçou o Alferes Joaquim Baptista e o Aspirante Mário Pinheiro e neles todos os «seus» rapazes que nesse dia tinha mais do que nenhum outro presentes no seu coração.

O nosso Reitor acompanhado de todos os dirigentes recebeu a embaixada dos antigos e os cumprimentos de todos os actuais membros do Conselho de Centro na Biblioteca do Liceu decorada com bandeiras da M.P.

Depois dos cumprimentos dirigidos ao sr. dr. Abrantes da Cunha, a quem ofereceu uma lembrança, pelo nosso primeiro comandante de Centro o Sr. Reitor agradeceu mais esta vinda dos antigos desejando aqueles que em breve partiriam para o Ultramar as maiores felicidades.

O Neca embora ausente mais uma vez foi lembrado e podemos dizer que nem um só momento foi esquecido em todo este dia de saudade.

Na Biblioteca do Liceu

Foi animado o nosso jantar de camaradagem a que presidiu o Dr. Abrantes da Cunha ladeado pelo Quim e

O Director de Centro abraça o nosso Baptista

CONTINUA NA 9.ª PÁGINA

Os dois primeiros Comandantes de Centro servem Portugal

CONTINUAÇÃO DA 7.ª PÁGINA

sa de pessoas tuas amigas, onde jantámos e dançámos até horas já avançadas da noite. Estou a recordar a minha preocupação... mas, afinal, quando chegámos ao local onde iríamos passar a noite, a tenda ainda lá estava...

O Joaquim Baptista era uma espécie de «Fac-totum» do Liceu. Era Comandante na M. P., era da JEC., era uma das pessoas mais entusiastas das festas... tudo isto e também aluno exemplar.

Lembrar o Manuel Esteves, o sucessor do «Quim», não é para mim tarefa fácil pois que a sua acção se desenrolou quando eu já estava longe da casa do meu quinto ano liceal.

Ainda me recordo de o ver, apenas Comandante de Castelo, no Acampamento da Sr.ª do Carmo em que ele com mais alguns colegas (recordo-me apenas do José Padez, que levou da quinta um óptimo vinho) foram os constituintes da quina de preparação e montagem.

Recordo-me desse Acampamento onde o Manuel Esteves recebeu, e muito bem, o prémio atribuído ao melhor participante.

Aí o «Manel» revelou excepcionais qualidades de chefia, capazes de «arrumar» todos quantos estavam no Acampamento e que o levariam a E. N. G. de onde veio Comandante de Bandeira. Foi o primeiro filiado deste Centro com tal posto na hierarquia da M. P. e isso é facto bastante significativo.

Depois como Comandante de Centro e como chefe de Redacção da «Chama» o Manuel Esteves foi, sempre cumpridor.

Hoje ambos servem a causa de Portugal em terras de Além-Mar. O Manuel Esteves como meteorologista em Moçambique, serve na Aviação. É oportuno é relembrar que, no Curso de preparação técnico-militar que fez antes de partir para a África Oriental, conseguiu um dos primeiros lugares e isto só por si nos dignifica como membros que somos da mesma família M. P..

O Joaquim Baptista, como alferes miliciano encontra-se em Angola, talvez nas linhas mais avançadas, mas, onde quer que esteja, eu estou seguramente certo que continuará bem firme nos seus e nossos ideais, e que em seu peito, nos momentos mais difíceis, será precisamente quando a chama da Fé em Deus e na Pátria arderá mais e melhor.

A ambos, eu não desejo facilidades: Aspiro a que regressem sãos e vivos, isso sim, para poderem continuar uma vida que até aqui não tem desmerecido os dons que Deus lhes concedeu.

Desejo-vos, do mais fundo da minha alma, que nos abraceis de novo, mas já coroados com os louros, como é próprio dos heróis.

Que a Providência Divina nunca deixe de vos acompanhar!

J. B. B.

Condecoração do 2.º Comandante do C. E. 2 com a Medalha de Assiduidade.

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA

UM AMIGO QUE NOS DEIXA

P.e José Fernandes

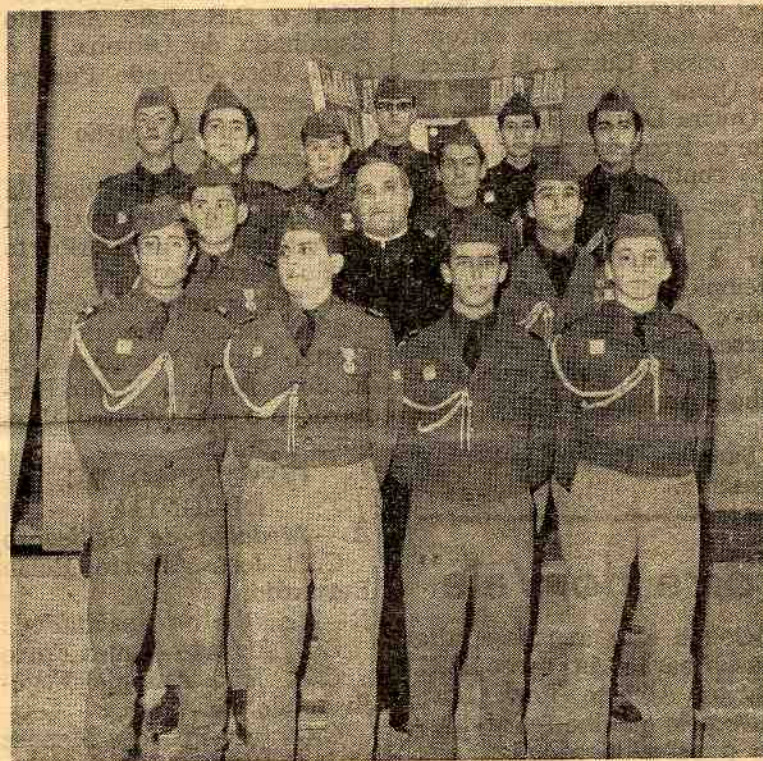
O nosso Assistente Religioso vai-nos deixar depois de ter acompanhado durante onze anos a vida desta Casa e o desenvolvimento do nosso Centro.

Sentimos simultâneamente a tristeza de o ver partir e a alegria por verificarmos como foi eficiente a sua acção, profícuo o seu trabalho, como há tanto de seu na obra que temos procurado erguer com a graça de Deus.

O comportamento dos nossos colegas em missão de soberania, soldados fiéis da fé da Pátria, bem atestam o mérito da melhor formação nacional e cristã que nesta casa receberam e que no Rev. Pe. José Baptista Fernandes teve um dos mais devotados orientadores.

No último dia da sua passagem pelo Centro quis o A. Q.A.R. fotografar-se acompanhado de todo o corpo de graduados, daqueles que foram e serão sempre *os seus rapazes.*

Para eles viveu como mestre e dirigente, para eles continua a viver como sacerdote no mais alto exercício do seus munus apostólico.

O Corpo docente prestou a sua Rev.ª significativa homenagem que teve a ilustre presença do nosso Delegado Distrital, Dr. José Catanas Diogo e na qual se fez representar o Rev. Dr. Alves de Campos, Assistente Nacional da Mocidade Portuguesa que por telegrama comunicou ter sido dado ao A. Q. A. R. Pe. Fernandes um louvor em ordem de serviço do Comissariado Nacional.

Último momento de uma presença contínua

«Chama» arquiva nas suas colunas deste número a última saudação como Assistente deste Centro do nosso Pe. Fernandes mas estamos certos de que como amigo nos continuará a honrar com a sua presença.

A Ala da Covilhã que tem no Rev. Pe. José Baptista Fernandes o seu Assistente mais antigo continuará a merecer a Sua Reverência o mesmo interesse e desvelo que até agora lhe consagrou.

«Chama» felicita o A. Q. A. R. Pe. José Baptista Fernandes pelo louvor tão justo que lhe foi concedido desejando que Deus abençoe todas as suas iniciativas.

Meus caros rapazes:

Nestas linhas, quero relembrar-vos algumas ideias se é que vós já as esquecestes.

«O que é impossível aos homens, é possível a Deus», *lê-se no Evangelho de S. Lucas, capítulo XVIII, versículo 27. Este é o melhor argumento para a todos convencer da necessidade da oração perante todas as dificuldades.*

Depois desta palavra de Deus, ofereço-vos, como ramalhete, estes pensamentos colhidos dum livro precioso, livro de oiro, moderno, que se chama Caminho:

«Fé, alegria, optimismo. — Mas não a estupidez de fechar os olhos à realidade.»

«Não tenhas medo à verdade, ainda que a verdade te acarrete a morte.»

«Não te esquives ao dever. — Cumpre-o em toda a linha, ainda que outros o deixem de cumprir.»

E finalmnte: «Se és de Cristo — todo de Cristo! — para todos terás — também de Cristo — fogo, luz e calor.»

Desculpai o desajeitado do ramo. Que vos proteja a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e vos acompanhe a Virgem Santíssima.

Um abraço. Todo vosso

Pe. José Baptista Fernandes

A pessoa que o substitui

Dr. Mendes Fernandes

Foi nomeado professor de Religião e Moral no Liceu Nacional da Covilhã o rev. Dr. António Mendes Fernandes.

Vem S. Rev.ª do Seminário Maior da Guarda, onde durante mais de vinte anos exerceu notável actividade na formação de futuros saserdotes, para a Covilhã. Nesta cidade confiou-lhe o nosso Venerando Prelado, sr. D. Policarpo da Costa Vaz, importantes funções no Centro Cultural e Social e conjuntamente o cargo de professor de Religião e Moral no Liceu.

Sacerdote culto, apostólico, actualizado, muito se espera do seu zelo. Particularmente, o Liceu da Covilhã muito terá a receber de S. Rev.ª.

«Chama» saúda o rev. Sr. Dr. Mendes Fernandes e deseja-lhe nesta cidade e entre nós as melhores felicidades e fecundo apostolado.

O Venerando Prelado recebeu os graduados do Centro Escolar 2

No seu regresso do Concílio Ecuménico Vaticano II foi o nosso Venerando Prelado cumprimentado pelos graduados deste centro que estavam acompanhados do Director Adjunto e do professor do Liceu Dr. João José d'Abreu e Sousa.

O C.F. Rolão Bernardo saudou Sua Ex.ª Rev.ª tendo o Senhor D. Policarpo agradecido muito reconhecido as suas palavras.

Depois de nos presentes ter abençoado o Centro, o Senhor Bispo da Guarda ofereceu a cada um medalhas comemorativas do início do Pontificado de Sua Santidade o Papa Paulo VI, gloriosamente reinante.

ROMAGEM DOS ANTIGOS

CONTINUAÇÃO DA 8.ª PÁGINA

pelo Mário Pinheiro, imponentes nas suas fardas que todos olhávamos com admiração e que um dia esperamos também ser dignos de vestir.

PASSATEMPO

A.³ B. & R. M., S. A. R. L.

UM GRANDE MELHORAMENTO

A cidade da Covilhã passou, a partir da presente temporada desportiva, a contar com o há muito desejado Pavilhão dos Desportos. O *edifício* está instalado no chamado Campo das Festas.

Os desportistas gozarão o prazer do desporto ao ar livre, pois o *edifício* não tem cobertura.

Poderão, por enquanto, pois o Pavilhão encontra-se ainda na 1.ª fase de construção, executar-se exercícios de barra fixa, de paralelas nomais e assimétricas e diversos exercícios de trapézio, a não ser que o *edifício* não tenha alicerces sufcientes, o que fará com que os executantes venham parar com o lombo no rés do chão...

Caras e casos do último número

(ver o número 14)

2.ª Página

ACERCA DO POEMA «EVOCAÇÃO»

Exmo. Sr. Chefe de Redacção:

Tenho conhecimento de que o poema referenciado estava há algum tempo aguardando publicação. Resolveu V. Ex.ª (passe o tratamento) publicá-lo na ocasião menos oportuna. Se tal facto se tivesse verificado em pleno Verão, nós, concerteza, apreciaríamos o deslizar irreal daquele forma diáfana, a musa, do modo como a autora a evoca...

Ao lê-lo, V. Ex.ª desculpe o realismo, senti um grandessíssimo arrepio pela espinha abaixo (ou pela espinha acima... já nem me lembro bem)...

Eu explico.

O poema diz:

«Vem, Musa!
Dá-me a mão
E vem comigo à serra agreste
E nua...»

Brrrr!! Estava o termómetro em cinco graus negativos...

Nevava na Serra!...

Em nota àparte acrescento que se a dita Musa o processar terá que pagar 1$00 para um comprimido de Melhoral...

3.ª Página

GRAVURA DA «PRESENÇA MADEIRA»

Mas que belo bordado! Que ripanço! E no cróqui não estava previsto um *bâlhinho?*

6.ª Página

REDACÇÃO DA CHAMA

Depois desta substituição na Chefia manter-se-á tão uniforme como dantes a colaboração feminina?...

ANEDOTAS

A Senhora — Rosa, lembre-se que hoje temos convidados ao jantar!

A Criada — Muito bem, minha senhora, mas quer que voltem ou que não apareçam cá mais?...

Um professor, muito distraído foi comprar os óculos que o médico lhe tinha receitado e pediu três pares.

— Três pares? Porquê?

— Três pares, sim. Quero um par para trazer em casa, outro para usar na aula e mais um para... andar à procura dos outros dois.

Joãozinho prepara-se para sair com a mãe.

— Mamã, visto a camisa das mangas curtas ou a das compridas?

— Mas porque perguntas isso?

— Para saber até onde tenho de lavar os braços.

ANEDOTAS

— Lembra-se, sr. Faustino, que faz hoje 20 anos que o senhor me pediu a mão e eu lha recusei?

— Lembro, lembro, minha senhora. E dou graças a Deus, pois essa é uma das minhas melhores recordações...

— Venho pedir a mão de sua filha.

O pai dela que era capitão:

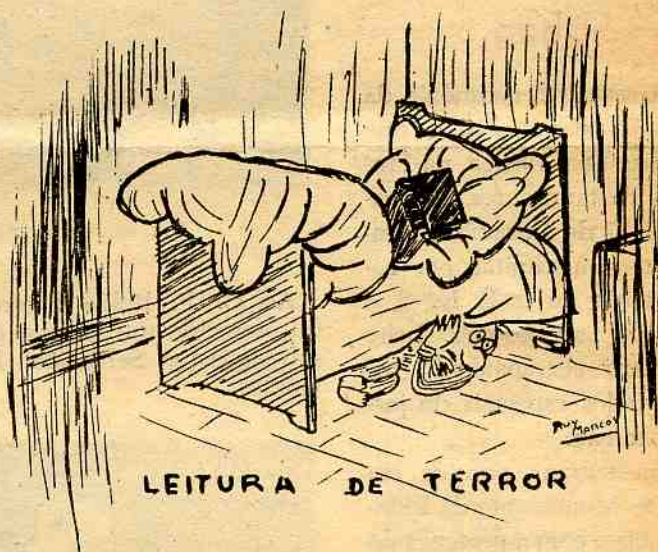
— Meia volta pela direita!! Ordinário, marche!!!

Uma descoberta histórica

Quem não viu ainda aqueles paredões que se levantam ora duma margem ora da outra do Tejo na parte média do seu curso?

Depois de aturados estudos e interrogatórios às pessoas das proximidades chegou-se à conclusão de que se destinaram a facilitar a navegação nos tempos dos Gamas e dos Cabrais.

Perguntará o leitor: de que modo? É muito simples: os navegantes puxavam rio acima as naus até Vila Velha do Ródão. Aí davam-lhes todo o gás, tomavam balanço rio abaixo e depressa entravam pelo mar dentro.

E foi duma destas vezes que Pedro Alvares Cabral se apanhou de repente frente ao Brasil sem saber como...

ADIVINHAS

1 — Sou um homem de muitas línguas e todas elas falo. Quando estou com quem me entendo de contente não me calo. Os meus amigos são e com todos eles me dou bem. São eles que me procuram. Eu procurá-los não vou.

2 — Que é, que é, que vai deitado e vem em pé?

3 — Qual é a coisa tão frágil que se quebra quando falamos?

RESPOSTAS

3 — O silêncio
2 — O cântaro
1 — O piano

ANEDOTAS

Um homem pára o automóvel e pergunta a outro que passa:

— O senhor não me sabe dizer onde estou?

— Dentro do automóvel.

— Não pergunto isso. Quero saber em que local me encontro.

— No assento da frente junto ao volante.

NO RESTAURANTE

— A salada que nos trouxe agora é de certeza para duas pessoas?

— Sim, senhor!

— Então como se compreende que só tenha uma lagarta?

NO MÉDICO

— O senhor pode ter a certeza de que essa falta de vista é causada pelo abuso do álcool.

— Não pode ser, doutor; eu quando bebo, até vejo a dobrar...

UMA PROMOÇÃO QUE NOS HONRA

Um camarada nosso é Comandante de Falange

Rolão Bernardo

A notícia de tão grande honra e que pela primeira vez foi concedida à província da Beira Baixa, deu a toda a divisão distrital de Castelo Branco a maior alegria.

Cerimónias em Lisboa

Para assistir à cerimónia da imposição das insígnias que se realizou em Lisboa, na Praça dos Restauradores, no passado dia 1 de Dezembro, deslocaram-se à capital em representação do C. E. N.º 2, o chefe de serviços Dr. Leite de Castro acompanhado pelos enviados especiais do jornal «Chama».

Numa tribuna erguida em frente ao Monumento da Independência e com a presença de vários membros do Governo, os srs. ministros do Interior, da Educação Nacional, do Exército e do Ultramar, subscretários de Estado da Educação Nacional, da Administração Ultramarina e da Indústria, Comissários Nacionais da Mocidade Portuguesa, altas individualidades e muitos dirigentes da patriótica organização teve lugar a imposição das insígnias aos novos Comandantes de Falange que as receberam das mãos do sr. Professor Doutor Galvão Teles.

A esta cerimónia assistiu em representação dos antigos graduados do C. E. N.º 2, C. G. Júlio da Silva Esteves.

Mais tarde, foi celebrada, na Sé Patriarcal missa de acção de graças mandada dizer pela Mocidade Portuguesa e à qual assistiram os membros do Governo que tinham estado presentes nas cerimónias anteriores e outras individualidades. Foi celebrante, o sr. D. Francisco Esteves Dias, primeiro bispo de Luso Angola).

Um sorriso é índice de confiança no Futuro

Ao C. F. Rolão Bernardo foi oferecido um almoço pelo sub-inspector Sebastião Fernandes.

Semelhante presença implica continuação do movimento

Entrega da Medalha de Dedicação

As comemorações do 1.º de de Dezembro terminaram em Castelo Branco com um jantar de camaradagem a que presidiu o Delegado Distrital e que teve a presença das Directoras de Centro da M. P. F. de todos os dirigentes e grande número de graduados e arvorados da Ala albicastrense. Da Covilhã deslocou-se uma grande representação do C. E. 2 chefiada pelo sr. Reitor do Liceu num total de trinta pessoas entre dirigentes e graduados.

Depois do primoroso jantar que foi servido na cantina da Escola Industrial e que as nossa colegas confeccionaram e serviram gentilmente o sr. Delegado Distrital condecorou o C F. Rolão Bernardo com a Medalha de Dedicação que o Comissário Nacional lhe atribuira pela ordem de serviços desse mesmo dia.

Seguidamente usaram da palavra o Rolão Bernardo, o Director da Casa da Mocidade da Covilhã, o Director do C. E. 2 da Covilhã, o Director da Escola Industrial de Castelo Branco e finalmente o nosso Delegado Distrital.

Todos aqueles a quem foi dado viver esta bela jornada de Castelo Branco trouxeram a mais grata recordação pela simpatia e verdadeiro espírito de família com que foram recebidos.

Repercussão

A promoção a comandante de falange do nosso Rolão Bernardo deu a todo o centro a maior e a mais justa alegria.

É-nos grato registar que mesmo fora das fileiras da Mocidade a notícia foi recebida com entusiasmo e satisfação. As autoridades locais, o corpo docente do Liceu e os Dirigentes dos outros centros da Ala exprimiram bem o seu apreço pela promoção ao mais alto posto da nossa hierarquia dum graduado covilhanense, facto pela primeira vez verificado na Divisão de Castelo Branco.

Os colegas de 7.º ano ao oferecer ao Rolão Bernardo um almoço deram mais uma vez prova do grande espírito de família que a todos une e liga.

«Chama» exprimindo o pensamento de todo o C.E. 2 felicita o C.F. Rolão Bernardo e deseja-lhe as maiores felicidades.

JANEIRO DE 1964

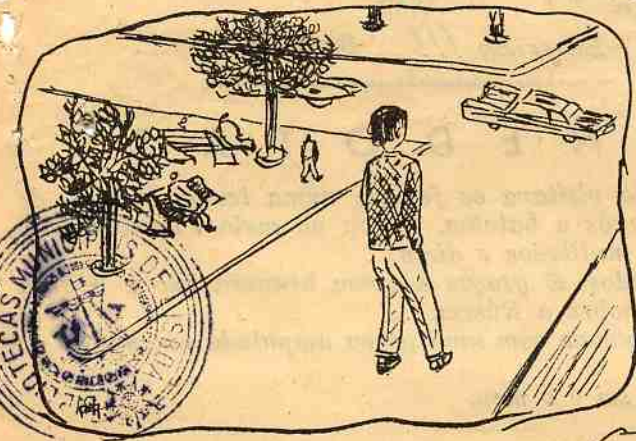
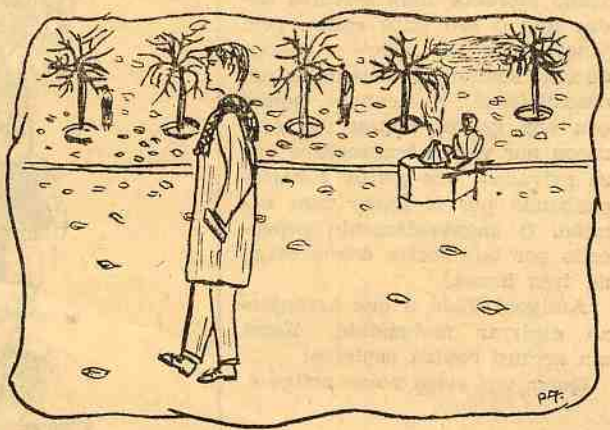
NÚMERO 3

HISTÓRIA DE UM ESTUDANTE CÁBULA

(TRAGI-COMÉDIA EM 3 ACTOS)

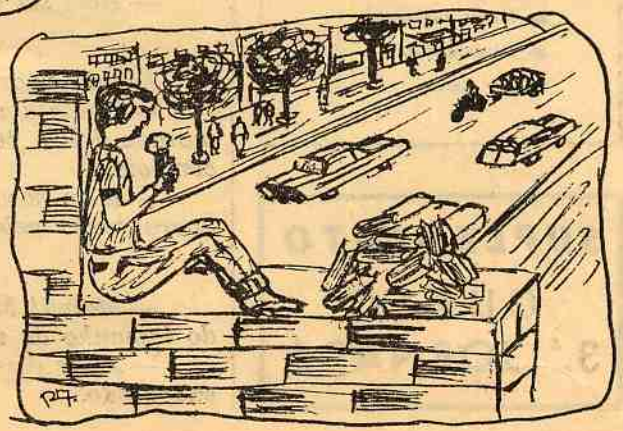
DO JORNAL «ORIENTAÇÃO»

1 ACTO — TARDE CINZENTA DE NOVEMBRO

Pr'onde vais tu Cristiano,
Pr'onde vais tu tão devagar!
— Vou pr'à praça passear,
Pois não tenho que estudar
Estou no princípio do ano.
(Pano rápido)

2 ACTO — DESPONTA A PRIMAVERA

Pr'onde vais tu Cristiano,
Pr'onde vais sem te ralar?
— Vou para a praça passear,
Não começo ainda a estudar,
Estou só a meio do ano.
(Pano rápido)

3 ACTO — CALOR SUFOCANTE DE JULHO

Pr'onde vais tu Cristiano,
Pr'onde vais com esse andar?
— Vou para a praça passear,
Não vale a pena estudar,
Estamos já no fim do ano!
(Pano lento)

CURIOSIDADES

CUIDADO COM OS ESPIRROS

UM espirro pode originar uma catástrofe, foi o que ficou demonstrado em Hamburgo. Tão violentamente espirrou um indivíduo morador num terceiro andar que o seu gato saltou pela janela, indo cair sobre a cabeça de uma senhora que conduzia um descapotável. A senhora começou aos gritos, matou um cão, roçou por vários transeuntes que se salvaram aos gritos e saltos acabando por ir bater num camião. O engarrafamento provocado por tais factos durou cerca de três horas.

Amigos! Vêde o que arranjais ao espirrar fortemente. Fazei um seguro contra espirros!

Quem vos avisa vosso amigo é.

CHAMA

SUPLEMENTO PARA INFANTES

N.º 3

de Janeiro de 1964

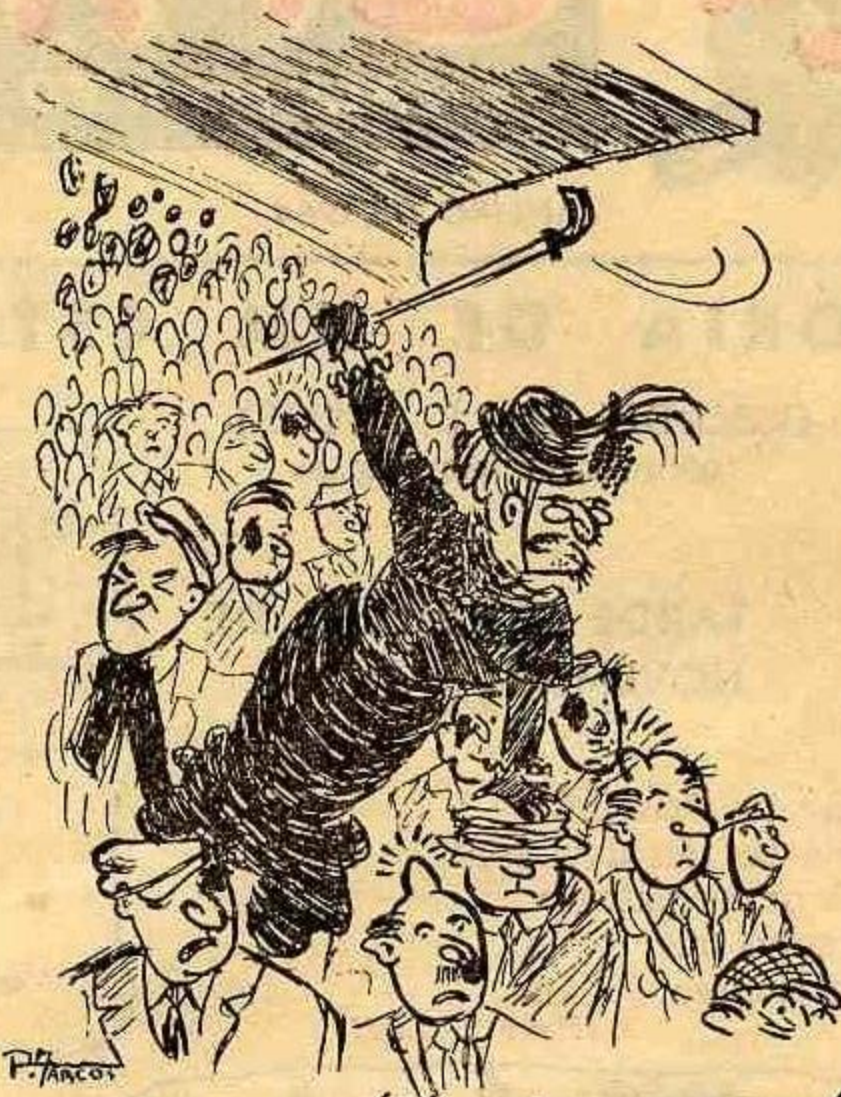
Colaboraram neste número:

- Matias Fernandes
- Miranda Garcia
- Ruy Marcos

SUPLEMENTO

CUPÃO

3.ª JORNADA

PEQUENO PASSATEMPO

— BENFICA!!! ... BEM... FI... CA!!!

ANEDOTAS

Napoleão visitava os feridos numa tenda hospital de campanha, após a batalha. Parou no meio daquele grupo de soldados mutilados e disse:

— Soldados. É graças à vossa bravura que a França tem um pé sobre a Rússia.

E um soldado com uma perna amputada murmurou de lá do fundo:

— Bem sei é o meu.

Disse o marido irritado vendo o comboio partir:

— Estás a ver?! Estás a ver?! Se tu não tivesses demorado tanto tempo a vestir não teríamos perdido este comboio.

— E se tu não me tivesses apressado, não esperaríamos agora tanto pelo próximo.

— Mamã! Mamã! Passou agora aqui um carro na rua do tamanho de uma casa.

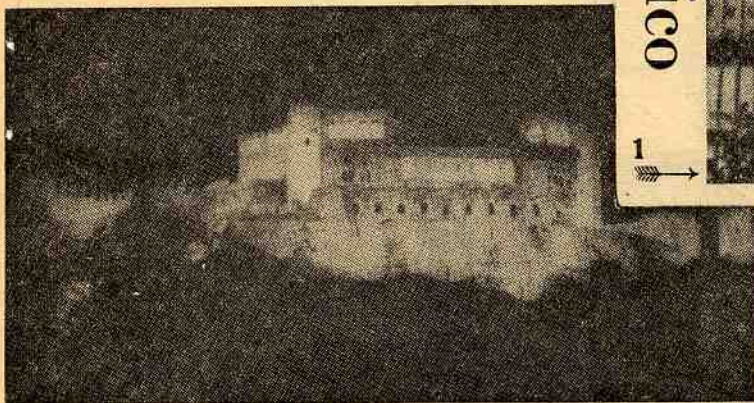
— Já te disse quarenta milhões de vezes que não sejas exagerado.

Concurso histórico fotográfico

3.ª JORNADA

Última jornada!
Prémio à vista!
Sim. Esta é realmente a última jornada do nosso concurso.

1

2

E ainda vos lembrais qual o sensacional prémio?

Uma estadia de quatro dias na praia da Areia Branca.

Podeis ainda enviar as respostas dos suplementos anteriores bem como as deste até 15 de Março.

Consultai se necessitardes os regulamentos publicados no Suplemento n.º 1, e às respostas juntai o respectivo cupão.

Para vós: Boa sorte!

3

O BURRO CANTOR

Um dia em certa aldeia, existia um homem que só tinha de seu um burro que o ajudava a ganhar a vida. No entanto, a maior parte do tempo passavam-no sem trabalhar, pois não lhes davam que fazer. Desta maneira, tanto o pobre camponês como o burro, passavam muitos dias à fome.

Aconteceu que, quando passavam um dia em certo caminho, viram uma malévola cobra, tentando fascinar um pobre passarinho. Afugentaram o réptil e o passarinho muito agradecido disse-lhes:

— De hoje em diante, nunca mais tereis fome, porque o burro passará a cantar como ninguém.

Seguiram muito contentes, e por todas as aldeias o burro se exibia com geral agrado, e assim passaram a comer melhor. Em certa aldeia porém, apareceu-lhes um fidalgo que propôs ao homenzinho o seguinte negócio.

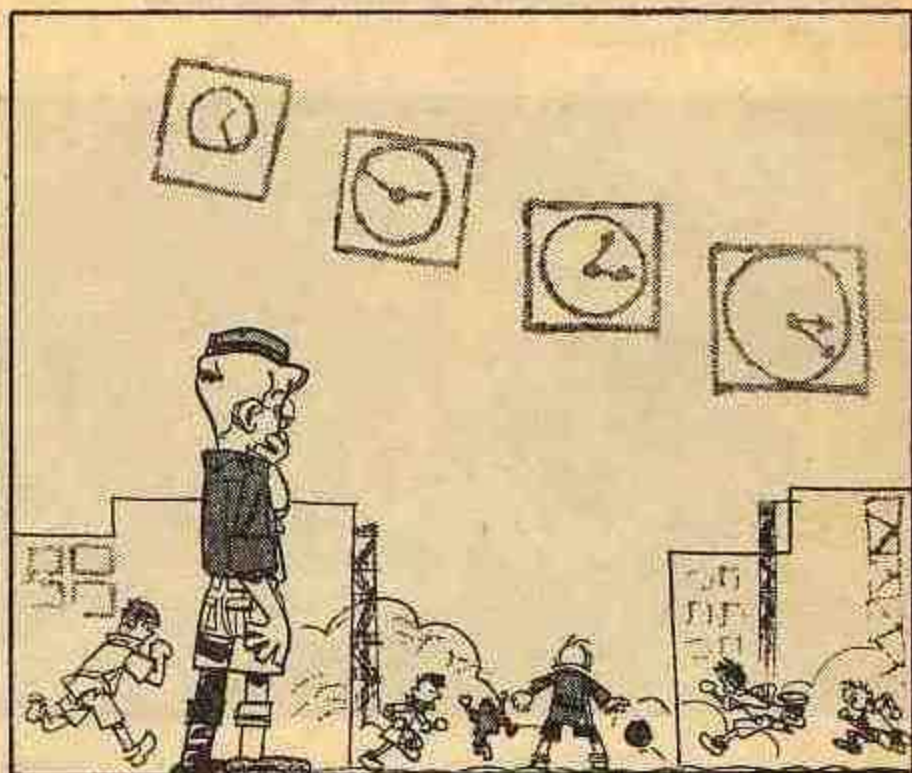
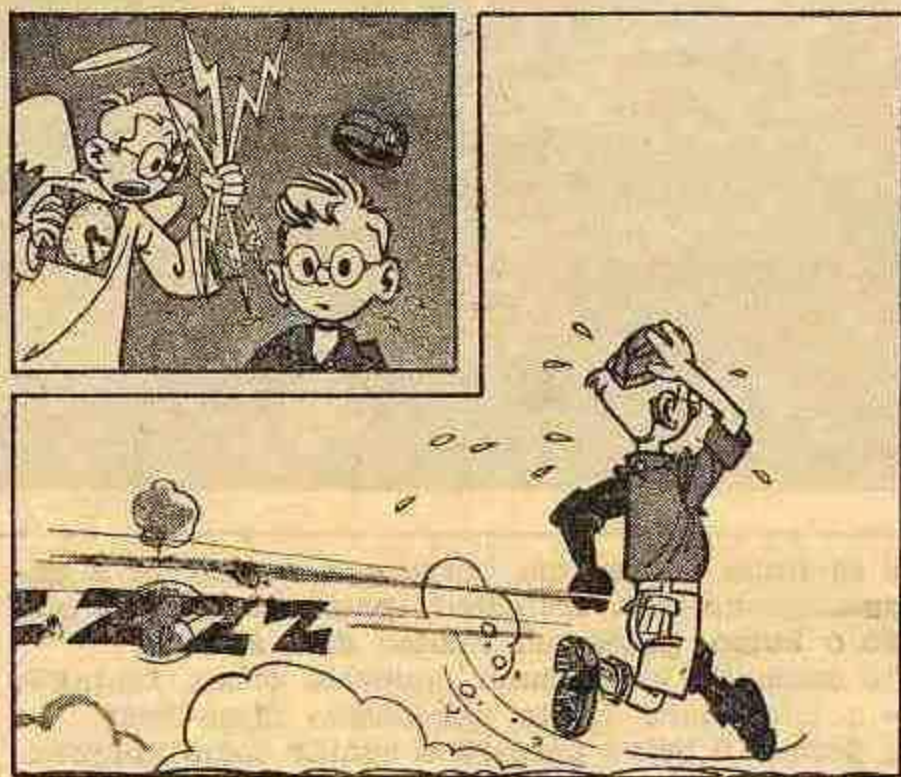
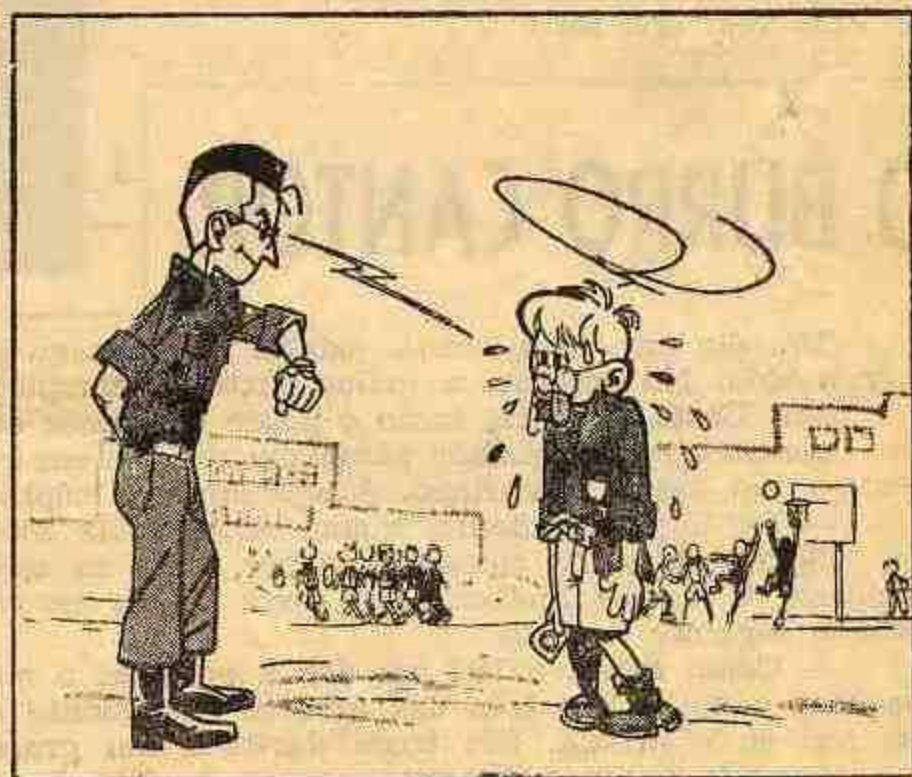
— Como sabes, o Rei vai dar à princesa o maior cantor do reino. Assim tu vais para o jardim, escondes o burro por trás das árvores e enquanto ele canta eu acompanho-o, ficando o rei convencido que sou eu o artista. Em troca dar-te-ei um grande saco de ouro.

Quando se encaminhava para os jardins do palácio, encontraram uma outra cobra, desejando matar um passarinho. O burro quis parar para que o seu dono auxiliasse a infeliz ave. Porém o fidalgo não deixou, por estar desejoso de conquistar a princesa, e o homenzinho com pressa de receber o dinheiro.

...E começou a serenata, cantando o animal maravilhosamente, mas lembrando-se este do pobre passarinho começou o zurrar tristemente, deixando o fidalgo muito envergonhado e também o seu dono sem ouro, e sem comida.

Assim Deus castigou quem não quis ajudar o pobre passarinho.

NECAS RAPAZINHO PONTUAL

Quem olha para o Necas
Gaba-lhe o comportamento,
Pois para ser pontual
Já saï de casa com tempo

Mas ei-lo que se demora
Inconsciente pelo caminho,
Assim, já não pode ser
Modelo de bom rapazinho.

Nisto repara nas horas,
E corre esbaforido,
Tentando recuperar
Todo o tempo já perdido.

Quando ao seu Centro chegou,
Descomposto e cansado,
O sétimo enunciou
Dos Preceitos do Filiado.